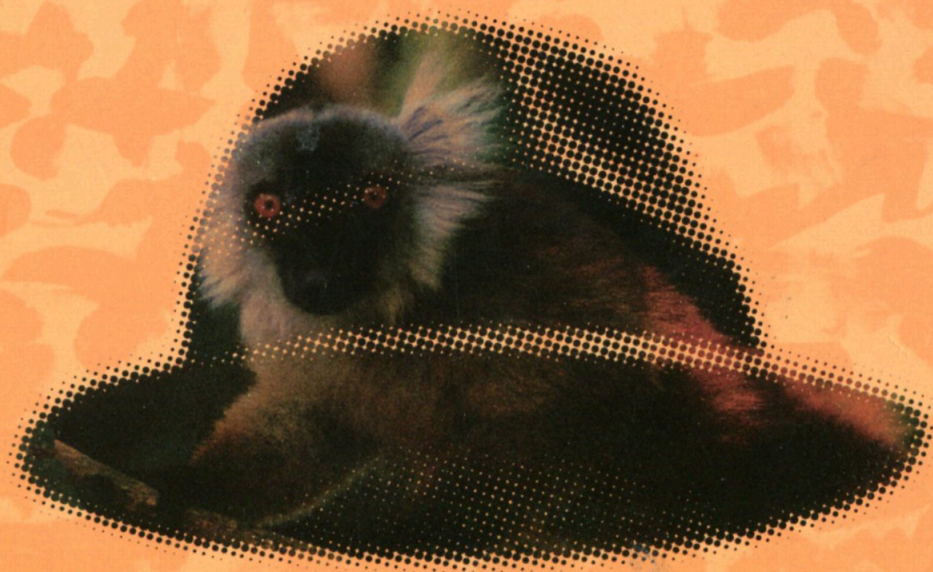


W i l l i a m S.
b u r r o u g h s

O Fantasma
de Uma
Oportunidade



estórias
editorial teorema

WILLIAM S. BURROUGHS

O Fantasma de uma Oportunidade

Tradução de
Telma Costa



teorema



© 1991, William S. Burroughs
Título original: *Ghost of Chance*
Tradução: Telma Costa
Capa: Fernando Mateus
Paginação: RMA
Impressão e acabamento: Rainho & Neves, Lda. / Santa Maria da Feira
Este livro foi impresso em Outubro de 1997
ISBN: 972-695-296-4
Depósito legal n.º 115776/97

Todos os direitos reservados por
EDITORIAL TEOREMA, LDA.
Rua Padre Luís Aparício, 9 - 1.º Frente
1100 Lisboa / Portugal
Telef.: 312 91 31 — Fax: 352 14 80

I

O CAPITÃO MISSION METEU a correia na sua espingarda de pederneira de dois canos, que conservava carregada com zagalotes, e enfiou no cinto uma faca embainhada. Pegou nas suas coisas e atravessou o colonato, parando aqui e além a falar com os colonos.

Tinham encontrado um excelente barro vermelho para tijolos e construíram alojamentos em dois pisos com varandas em cima sustentadas por pesados pilares de madeira maciça. Estas construções tinham sido ligadas a formar um círculo, com as zonas de comer e cozinhar em duas salas do rés-do-chão e em cima as zonas de vestir e dormir. As varandas eram ligadas e aí instalavam redes e esteiras de dormir. Estas estruturas ficavam em frente ao mar e uns degraus levavam até à baía, onde estavam ancorados uns tantos barcos.

*

A PALAVRA PARA «lémure» quer dizer «fantasma» na língua nativa. Havia tabus contra a matança de fantasmas e Mission tinha imposto um Artigo que proibia matá-los, sob pena de expulsão do colonato. Se crime havia merecedor da pena de morte, também proibida pelos Artigos, era este.

Mission procurava uma espécie diferente de lémures descrita por um informante nativo como muito maior, como um vitelo ou uma vaca pequena.

— Onde estão os fantasmas grandes?

O nativo fez um gesto vago em direcção ao interior.

— Tens que ter cuidado com o Lagarto-Que-Muda-de-Cor, que é mau. Se caíres sob o seu feitiço, também tu mudas de cor. Também tu ficarás negro de raiva, verde de medo, vermelho de desejo...

— E então, que mal tem isso?

— Num ano, estás morto. As cores vão devorar-te a pele e a carne.

— Falaste de um fantasma grande. Maior que uma cabra... Onde se pode encontrá-los?

— Quando ouvires o Chebahaka, o Homem-das-Árvores, aí não há Fantasma Grande. Ela não pode estar onde houver barulho.

— Ela?

— Ela. Ele. Para o Fantasma Grande é o mesmo.

— Belo. Está onde não estiver o Homem-das-Árvores?

— Não. Está onde o Homem-das-Árvores está calado.

Isso acontecia pela alvorada e pelo pôr-do-sol.

*



MISSION DIRIGIA-SE PARA o interior, por um caminho íngreme que rompia a partir de uns quinhentos pés acima do mar. Parou, apoiado no seu cajado, e olhou para trás. A dura ascensão não lhe afectara a respiração nem lhe fizera brotar suor da face. Viu o colonato, os tijolos vermelhos acabados de moldar e o colmo já intemporal, como casas de um país de fadas. Viu as sombras sob o molhe, os peixes que espreitavam, a límpida água azul da baía, as rochas e a folhagem, tudo suspenso num quadro nítido, sem moldura.

O silêncio pousava como um sudário que se desfaria em pó se lhe mexessem. E uma rabanada de vento varreu a baía trepando depois pelos fetos e pelas folhas, trazendo-lhe ao rosto o sopro do Pânico. Pequenas patas de fantasma corriam-lhe pela espinha, arrepiando-lhe os pêlos na base da nuca, onde o centro da morte brilha por instantes quando se fina um mortal.

O Capitão Mission não temia o Pânico, o saber súbito, intolerável de que tudo está vivo. Ele próprio era um emissário do Pânico, do conhecimento que o homem teme acima de tudo: a verdade da sua origem. Está por pouco. É só varrer as palavras e olhar.

Seguiu entre fetos gigantes e trepadeiras pelas sombras verdes sem precisar da sua faca de mato e parou na orla de uma clareira. Um momento de movimento suspenso e a seguir um arbusto, uma pedra, um galho moveram-se quando apareceu uma tribo de lémures felinos de cauda anelada, desfilando para a frente e para trás diante uns dos outros, com as caudas a adejar acima das suas cabeças. E então *psssk*: foram-se, levando consigo o desenho do espaço onde tinham estado. Po-

dia ouvir ao longe os gritos do lémure *sifaka* a que os nativos chamam Chebahaka, Homem-das-Árvores.

Com um movimento rápido apanhou um gafanhoto e ajoelhou-se junto de um tronco coberto de musgo. Uma cara pequena com olhos redondos e grandes orelhas trémulas fitava-o nervosamente. Ofereceu o gafanhoto e o ratito saltou sobre ele com guinchos estridentes de deleite, agarrando-o com as suas patitas e mordendo-o rapidamente com os seus dentinhos afiados.

Mission deslocou-se em direcção ao som que era cada vez mais alto. Os Chebahakas viram-no então e soltaram um guincho concertado que lhe furou os tímpanos. De repente, o som parou com um impacto que o atirou ao chão. Ficou uns minutos meio desmaiado, observando as formas cinzentas que serpenteavam por entre as árvores.

Lentamente, pôs-se de pé, apoiando-se no cajado. Diante de si tinha uma estrutura de pedra antiga, coberta de trepadeiras e esverdeada pelo musgo. Passou sob um arco e as pedras resvalaram sob os seus pés. Uma cobra comprida, de um brilho verde ofuscante, deslizou pelos degraus que conduziam a uma sala subterrânea. Com cautela, desceu. No canto mais afastado da sala abria-se um arco que deixava passar a luz da tarde e Mission viu as paredes e o tecto de pedra.

No canto da segunda sala estava um animal que parecia um gorila pequeno ou chimpanzé. Surpreendeu-se, uma vez que lhe tinham dito que não havia na ilha verdadeiros macacos. A criatura estava completamente imóvel e era negra, como se feita de escuridão. Viu também uma grande criatura porcina de um cor-de-rosa claro, deitada de lado contra a parede da direita.



A seguir, directamente na sua frente, viu um animal que a princípio lhe pareceu um veado pequeno. O animal foi até à sua mão estendida e ele viu que não tinha chifres. Tinha um focinho comprido onde surgiam dentes afiados em forma de pequenas cimitarras. As compridas pernas finas terminavam em dedos que pareciam cabos. As orelhas eram grandes, abrindo para diante, olhos de um âmbar límpido onde flutuava uma pupila como uma jóia cintilante, mudando de cor com os cambiantes de luz: obsidiana, esmeralda, rubi, opala, ametista, diamante.

Lentamente, o animal ergueu uma pata e tocou-lhe na cara, despertando recordações da traição antiga. Com as lágrimas a correr-lhe pelo rosto, tocou na cabeça do animal. Sabia que tinha que regressar ao colonato antes de cair a noite. Há sempre qualquer coisa que um homem tem que fazer a tempo. Para o fantasma do veado não havia tempo.

DESCENDO O MONTE cada vez mais depressa, a rasgar as roupas nas pedras e nas gavinhas agressivas, chegou ao colonato ao crepúsculo. Viu imediatamente que era tarde de mais, que alguma coisa de muito grave se tinha passado. Ninguém o olhava nos olhos. Então viu Bradley Martin, de pé, junto de um lémure moribundo.

Mission viu bem que o lémure tinha levado um tiro. Sentiu uma concentração de raiva, como uma onda vermelha quente, mas não havia a recíproca raiva em Martin.

— Porquê? — perguntou Mission, sufocado.

— Roubou-me uma manga — murmurou Martin com insolência.

A mão de Mission voou para o punho da sua pistola.

Martin riu-se:

— Eras capaz de violar o teu próprio Artigo, Capitão?

— Não. Mas recordo-te o artigo Vinte e Três: se dois indivíduos tiverem uma divergência que não possa ser resolvida, aplica-se a regra do duelo.

— Pois, mas eu tenho o direito de rejeitar o teu desafio, e rejeito-o.

Martin era um espadachim indiferente e atirava mal com pistola.

— Então deverás sair de Libertatia esta mesma noite, antes que o sol se ponha. Resta-te apenas uma hora.

Sem uma palavra, Martin virou costas e afastou-se em direcção ao seu alojamento. Mission cobriu o lémure morto com um oleado, na intenção de levar para a selva o corpo e enterrá-lo na manhã seguinte.

NOS SEUS APOSENTOS, Mission sentiu-se subitamente vencido por uma fadiga paralisante. Sabia que devia ir atrás de Martin resolver o assunto, mas, como Martin dissera, os seus próprios Artigos... Deitou-se e caiu imediatamente num sono profundo. Sonhou que havia lémures mortos espalhados por todo o colonato e acordou de madrugada com lágrimas a correr-lhe pelo rosto.

MISSION VESTIU-SE E saiu para ir buscar o lémure morto, mas lémure e oleado tinham desaparecido. Com cega lucidez percebeu porque tinha Martin disparado sobre o lémure e qual a sua intenção: iria ter com os nativos dizendo que os colonos estavam a matar os lémures

res e que quando ele se opusera, se tinham voltado contra ele, que dificilmente escapara com vida. Os lémures eram sagrados para os nativos e havia o perigo de represálias sangrentas.

Mission censurou-se asperamente por ter permitido que Martin escapasse. Agora não valia a pena ir atrás dele. O mal já estava feito e os nativos nunca iriam acreditar nas negativas de Mission¹.

*

O Big Ben deu as horas. Numa sala em silêncio, fantasmagórica, reúnem os guardiões do futuro. Conservadores dos Livros de Conselho: Mektoub, está escrito. E não querem que mude.

1. Consideremos a lógica inexorável da Grande Mentira. Se um homem tem um amor destemperado por gatos e se dedica à protecção dos gatos, só pode ser acusado se matar e maltratar gatos. A nossa mentira terá uma inequívoca aura de verdade ao passo que as suas negativas ultrajadas cheirarão a falsidade e evasão.

Os que ouvem vozes vindas do hemisfério não dominante do cérebro referem a autoridade absoluta da voz. Sabem que estão a ouvir a Verdade. O facto de não serem apresentadas provas e de a voz poder estar a dizer perfeitos disparates é irrelevante. É isto a Verdade. E a Verdade nada tem a ver com os factos. Aqueles que manipulam a Verdade a seu favor, os da Grande Mentira, têm o cuidado de escamotear os factos. Efectivamente, nada é mais profundamente ofensivo para essas pessoas do que o conceito de facto. Aduzir factos em defesa própria é pôr-se fora do tribunal.

Num universo pré-gravado e portanto totalmente previsível, o pecado mais negro é aldrabar as gravações de que poderão resultar alterações do futuro previsto. O Capitão Mission cometeu este pecado. Ameaçou demonstrar, para que todos vissem, que trezentas almas podem coexistir em relativa harmonia umas com as outras e com os seus vizinhos e com a ecosfera da flora e da fauna.

— Trezentos homens... depois três mil, trinta mil. Pode espalhar-se por toda a parte. Tem que parar já.

— O nosso homem, Martin, está no alvo. É de confiança.

Uma mulher inclina-se ligeiramente para a frente. Um rosto fascinante de beleza e maldade intemporais, uma maldade de cortar a respiração, como um gás mortífero. O presidente cobre o rosto com um lenço.

A mulher fala com uma voz fria, cortante, cada palavra uma lasca de obsidiana:

— Há um perigo mais significativo. Refiro-me à preocupação doentia do Capitão Mission com os lémures.

A palavra brotou da sua boca distorcida pelo ódio.

NÃO HOUVE mais repercussões do incidente com Martin. Mas Mission não afrouxa as suas precauções. Sente Martin a rondar, à espera da sua vez, com a fria paciência de réptil do agente perfeito.

De princípio subestimara Martin por não o ter visto. Martin tinha a capacidade de criar falta de interesse por si próprio². Até a sua posição era ambígua, algures entre o pequeno funcionário e o membro da equipa. Mas como não havia pequenos funcionários, ocupava um espaço vazio. E não tentava preenchê-lo. Quando o mandavam fazer alguma coisa fazia-a com rapidez e eficiência. Mas não se esforçava nada por se tornar útil.

Como Mission achava o contacto com Martin vagamente desagradável, cada vez o solicitava menos. A Mission, desagradou que Martin viesse juntar-se aos colonos, mas

2. Quem quiser esconder alguma coisa só tem que criar uma falta de interesse pelo lugar onde a escondeu.



ele fazia o trabalho que lhe competia e não incomodava ninguém. Quando não estava a trabalhar limitava-se a ficar sentado, com o rosto vazio como um prato. Era um homem corpulento, robusto, com uma cara redonda pastosa e cabelo louro. Os seus olhos eram inexpressivos e frios como chumbo.

Mission viu Martin pela primeira vez quando se confrontaram por causa do lémure morto. E aquilo que viu inspirou-lhe um ódio mortal, implacável.

Viu em Martin o servidor pago de tudo aquilo que ele detesta. Não há quartel, não há compromisso possíveis. É guerra até ao extermínio.

*

MISSION TINHA FUMADO ópio e haxixe e tomado uma droga a que os Índios da América do Sul chamavam *yagé*. Concluiu que devia haver uma droga especial desta grande ilha onde havia tantas criaturas e plantas que não se encontram noutros sítios. Depois de fazer algumas perguntas, descobriu que existia na realidade uma droga assim: extraía-se de um fungo parasita que cresce apenas em certas plantas espinhosas que existem nas regiões áridas do sul.

A droga chamava-se *Indri*, o que significa «olha ali» na língua nativa. Por cinco florins de ouro obteve um pequeno fornecimento de um nativo amistoso. A droga apresentava-se sob a forma de cristais amarelos-esverdeados. O homem, cujo nome era Babuchi, mostrou-lhe exactamente a quantidade a tomar e preveniu-o contra tomar mais.

— Muitos tomam *indri* e não vêem nada diferente. Depois tomam mais e vêem diferente a mais.

— Isto é uma droga de dia ou de noite?

— É melhor pela alvorada e pelo crepúsculo.

Mission calculou que faltaria uma hora até o sol se pôr, tempo suficiente para chegar ao seu acampamento da selva.

— Quanto tempo leva a fazer efeito?

— Muito depressa.

MISSION PÔS-SE rapidamente a caminho. Meia hora mais tarde tomou uma pequena porção de cristais com um gole de água do seu cantil de pele de cabra. Dentro de poucos minutos sentiu uma alteração da vista, como se os seus olhos se movessem em eixos separados, e viu pela primeira vez o Lagarto-que-Muda-de-Cor. Era muito grande, com cerca de dois pés de comprimento, e difícil de ver, não por causa de assumir as cores que o rodeavam, mas por estar absolutamente imóvel. Aproximou-se mais do lagarto que assentou sobre ele um olho e se virou, negro de raiva. Evidentemente, o Lagarto-que-Muda-de-Cor não gostava de ser visto. As suas cores mudaram para um laranja-amarelado com manchas castanhas. E tinha um lagarto *ghurka* numa pata, como se gravado na casca. Piscou a Mission um olho dourado.

A despeito da necessidade de vigilância, Mission passava cada vez mais tempo na selva com os seus lémures. Tinha convertido a antiga estrutura de pedra que encontrara em habitação. Estava completamente envolta pelas raízes de uma enorme árvore bolbosa, como se presa numa mão

de gigante. Raízes engrinaldavam o arco aberto na segunda sala. Havia um chão pavimentado. Tinha tapado a entrada com rede contra mosquitos e arranjado um estrado no chão. Ao varrer o chão, ficou surpreendido por encontrar poucos insectos e decerto nenhuma variedade venenosas. Os degraus de pedra tinham sido amaciados pelo uso, como pela passagem de muitos pés, talvez pés não humanos.

Desde a sua descoberta tinha localizado um grupo de lémures maiores. Estes lémures eram demasiado grandes para se sentirem confortáveis nas condições arbóreas e viviam sobretudo no solo, numa zona de ervas e mato onde a floresta se adelgaçava, a uma milha do acampamento. Terreno ideal de pasto, concluiu Mission com um estremecimento. As criaturas eram confiantes e gentis, abertas ao afecto humano.

Mission apressou-se. Queria chegar à velha estrutura de pedra antes do crepúsculo e tinha esperança de que o seu lémure especial estivesse lá. Dormia muitas vezes com o lémure ao lado no seu estrado e tinha posto à criatura o nome de Fantasma.

Quando Mission estava a chegar, o Fantasma soltou um grito alegre de boas-vindas. Mission tirou as botas e pendurou o casaco nas cavilhas de madeira metidas nas fendas da parede de rocha. A única mobília era uma mesa de parede de pranchas toscas suportadas sobre duas pernas, com um tinteiro, penas de escrever e pergaminho. A um canto havia um pequeno barril de água com batoque, alguns utensílios de cozinha, um machado, um serrote, martelos, um mosquete. A pólvora e os cartuchos estavam dentro do baú.

MISSION SENTOU-SE à mesa de madeira ao lado do espectro do seu Fantasma, contemplando o mistério da estrutura de pedra. Quem a teria construído?

Quem?

Faz a pergunta em hieróglifos...uma pena... Escolhe uma pena de escrever. Água... a água limpa sob o molhe. Um livro... um velho livro ilustrado com os cantos dobrados. *Os Lémures Fantasmas de Madagáscar*. Pena... uma gai-vota a mergulhar no lixo... as esteiras de muitos navios em muitos lugares. Uma pena do Grande Pássaro que outrora viveu aqui e o Lago Sagrado, a dois dias de caminho para leste, onde todos os anos um novilho é sacrificado ao Cro-codilo Sagrado. No entanto, Mission pergunta-se se haverá outras estruturas semelhantes na ilha...

Onde?

Um bocado de pão... água... um jarro... um ganso atado a um poste. Ver a ilha de uma ponta à outra pelos olhos do Lagarto-que-Muda-de-Cor. Mission não sabe porque é que está aterrado com as perguntas que acodem ao seu espírito, mas quase lhe sabe bem estar aterrado.

Quando?

Uma cana... um bocado de pão... Um pássaro aos círcu-
lós no céu. Uma mulher depena uma ave e tira um pão de um forno de adobe. O corte entre o bravio, o intemporal, o livre e o domado, o temporário, o preso, como o ganso pre-so que para sempre sofrerá a sua servidão.

A estrutura que já começou a obcecar Mission só pode ter sido construída numa altura, antes de o Corte se ter aberto em Abismo.

A concepção de uma pergunta é junco e água. O



ponto de interrogação desfaz-se em juncos e água. A pergunta não existe.

Estranhas criaturas assentam pedras. Mission não consegue vê-las com clareza, apenas as mãos, como cordas cinzentas. Sente a dificuldade imensa de uma tarefa que não é habitual. As pedras são demasiado pesadas para as mãos e corpos destas criaturas. No entanto, por alguma razão têm que construir esta estrutura.

Porquê?

Não há porquê.

*

AO LADO DE MISSION, o Fantasma mexeu-se e soltou um hálito doce de tamarindo. A despeito da prevenção de Babuchi, o Capitão Mission sabia que tinha que descobrir mais coisas.

Acendeu um candeeiro e deitou numa mão uma dose imprudente de cristais *indri*; engoliu-os com um copo de água. Quase imediatamente, lembrou-se do gorila do sonho na sala da cave, da estranha criatura porcina que tinha visto e depois do gentil lémure veado.

Mission deitou-se junto do seu Fantasma. Não estava certo de querer ver o que o *indri* lhe mostraria; já sabia que o que iria ver ia ser triste para além do suportável. Ficou a olhar para fora por entre as raízes das árvores enquanto a noite absorvia o resto de luz, como uma grande esponja negra.

Esteve ali deitado à luz cinzenta, com o braço em redor do lémure. O animal aninhou-se melhor e pôs uma pata na sua cara. Pequenos lémures-ratos saíram das raízes, dos ni-

chos e buracos da velha árvore e corriam pelo aposento, caindo sobre os insectos, aos guinchos. As suas caudas abanavam por cima das cabeças; as suas grandes orelhas de abano, finas como papel, estremeciam com qualquer som enquanto os seus olhos grandes e límpidos varriam as paredes e o chão à procura de insectos. Há milhões de anos que faziam aquilo. A cauda dobrada, as orelhas palpitantes assinalam a passagem dos séculos.

Quando a luz entrou toda para a esponja da noite, Mission passou a ver muitas milhas em todas as direcções: as florestas húmidas do litoral, as montanhas e o mato do interior, as regiões meridionais áridas, onde os lémures debicavam nos altos cactos espinhosos *Didierea*. Dão pulos, saltam, correm para o passado remoto antes da chegada do homem à ilha, antes do aparecimento do homem na terra, antes do princípio do tempo.

UM VELHO LIVRO de estampas com cantos dobrados, papel vegetal sobre cada imagem... *Os Lémures Fantasmáticos de Madagáscar* em letras a ouro. Fetos e palmeiras gigantes, volumosos tamarindos, trepadeiras e arbustos. No canto de uma figura um grande pássaro, com três metros de altura, uma ave anafada, mal-jeitosa, desgraçada, obviamente incapaz de voar. Esta ave diz-nos que há aqui uma bolsa do tempo. Não pode haver predadores nesta floresta, nenhuns grandes felinos. No meio do quadro, um lémure de cauda anelada sobre um ramo, olhando a direito para o observador. Aparecem depois mais lémures, como num *puzzle*...

O Povo Lémure é mais antigo do que o Homo Sap,



muito mais. Datam de há cento e sessenta milhões de anos, do tempo em que Madagáscar se separou do continente africano. A sua maneira de pensar e de sentir é basicamente diferente da nossa, não se guia pelo tempo, pela sequência e pela causalidade. Para eles, estes conceitos são repugnantes e difíceis de entender.

Poder-se-ia pensar que uma espécie que não deixa vestígios fósseis desaparece para sempre, mas qualquer pessoa pode ler o Quadro Grande, a história da vida na Terra. As massas orológicas e as selvas passam, vastos rios de terra, uns abrandando, outros acelerando, em deltas móveis ou estagnados, pélagos de terra como serras cortando ilhas, uma grande fissura, as massas continentais a bater umas nas outras, depois a separar-se, a fugir para os lados, cada vez mais depressa... abrandando depois na grande ilha vermelha, com os seus desertos e florestas húmidas, montanhas ásperas e lagos, os seus animais e plantas únicos e a ausência de predadores ou de répteis venenosos, um vasto santuário para os lémures e para os espíritos delicados que respiram através deles, o brilho nos olhos de gema de uma relá.

Enquanto estava ligada a África, Madagáscar foi o último continente, pegada como um tumor maligno, recortada por uma fiada de futuros contornos, uma longa cordilheira como uma grande indentação, como a espinha que divide o corpo humano. Havia pontos em que a crista tinha mais de um quilómetro de largura, noutros estreitava-se até aos trezentos metros. Tratava-se de uma zona de mudança e de contrastes explosivos. Varrida por violentas tempestades, com pontos incrivelmente férteis e outros inteiramente maninhos.

O Povo da Fenda, formulado pelo caos e pelo tempo acelerado, atravessou cento e sessenta milhões de anos até à Separação. De que lado estamos? Tarde de mais para mudar. Separados por uma cortina de fogo. Como um grande navio em festa lançado à água com fogo de artifício, a grande ilha vermelha afastou-se majestosamente para o mar largo, deixando uma ferida hiante na face da terra, lava a sangrar e vomitando gases nocivos. Esteve imersa numa calma mágica durante cento e sessenta milhões de anos.

O tempo é um mal da humanidade; não é uma invenção humana, é uma prisão humana. Portanto, que significam cento e sessenta milhões de anos sem o tempo? E que quer isto dizer para lémures ancestrais? Aqui não há predadores, não há muito a recear. Têm polegares oponíveis mas não gostam de instrumentos: não precisam de instrumentos. Não foram tocados pelo mal que corre nas veias e enche o Homo Sap quando ele pega numa arma, quando passa a estar em vantagem. Um maligno regozijo advém de saber que se *tem!*

A beleza está sempre condenada. «Os maus e armados aproximaram-se». O Homo Sap com as suas armas, a sua ganância insaciável e uma tão feia ignorância que nunca vê o próprio rosto.

O homem nasceu no tempo. Vive e morre no tempo. Onde quer que vá leva consigo o tempo e impõe o tempo.

O CAPITÃO MISSION ESTAVA a derivar cada vez mais, apanhado numa grande ressaca do tempo. Dentro da sua cabeça, uma voz repetia continuamente:

— Fora, para baixo, fora, fora³.

Mission sabe que o templo de pedra é a entrada para o Jardim das Oportunidades Perdidas da biologia. É pagar e entrar. Sente um impacto de tristeza que lhe pára a respiração, uma dor que invade e dilacera. Uma dor que pode matar. Está a começar a perceber do que é que a casa gasta.

Lembra-se da criatura porcina cor-de-rosa, perdida numa fraqueza passiva, encostada, indefesa, à parede, e do símio negro na parede do fundo, muito quieto e muito negro, de um negrume que brilha. E o gentil lémure veado, extinto há dois mil anos, o Fantasma que partilha o seu estrado. Avança através das raízes que pendem do velho arco de pedra. De certo modo o macaco preto está na sua frente e olha-o nos olhos, completamente negro. Canta uma canção negra, uma melodia áspera de um negrume demasiado puro para sobreviver ao tempo. Só o compromisso sobrevive; é por isso que o Homo Sap é uma criatura tão desnor-teada e tão cega, defendendo precária e histericamente uma posição que sabe estar irremediavelmente comprometida.

Mission avança por um túnel negro que se abre para uma série de dioramas: o último lémure veado cai com a flecha de um caçador. Pombos migrantes chovem das árvores em direcção a salvas de tiros e vão dar às travessas dos banqueiros e políticos gordos com relógios de corrente, atacadados de ouro. Os humanos arrotam o último pombo migrante. O último lobo da Tasmânia coxeia num crepúsculo

3. Elimine-se o conceito de pergunta da nossa cabeça para fora. O hieróglifo egípcio é junco ou penas e água. Quem? A água a pena o livro. Varram-nos mais os grasnidos do onde e o pão do quando, de modo a que se desvançam num grande pássaro extinto que não voa num charco pantanoso.

azul, uma perna desfeita pela bala de um caçador. Como acontece aos quases, os podia-ser que tiveram uma oportunidade num milhão e perderam⁴.

Observar o observador observado.

4. Quando vemos o planeta como um organismo, torna-se óbvio quem são os inimigos do planeta. Têm uma legião de nomes. Dominam e povoam o planeta. «Os enganadores e os enganados que por sua vez se enganam.» Pensaria o Homo Sap que os outros animais existiam apenas para ele os *comer*? Parece que sim. As escavadoras destroem as florestas tropicais, os lémures acoissados e as raposas voadoras, os grandes gibões canoros de Kloss que produzem a mais bela e variegada música do mundo animal e os lémures colugo planadores, que não se safam em terra. Vai-se tudo para dar lugar a mais gado humano sem valor, cada vez com menos centelha viva, o ingrediente sem preço — a energia para a matéria. Um grande lamaçal de barro sem alma.



II

VÊM AÍ SARILHOS. O Capitão Mission pressentiu-os. Tinha recebido um relatório de um informador nativo, que costumava ser de confiança, segundo o qual uma força expedicionária inglesa e francesa estava a caminho para atacar o seu colonato pirata, Libertatia, na costa oeste de Madagáscar. Preferindo uma batalha naval em águas que conhecia bem a uma tentativa de defender uma posição terrestre em quatro frentes, tratou de aprestar três navios. Antes de zarpar, fez uma visita à entrada do Museu das Espécies Perdidas.

DE MANHÃ, o Fantasma tinha-se roçado nele, gemendo lamentosamente. *Ele sabe que vou deixá-lo.* Mission afastou-se rapidamente e voltou-se; o Fantasma continuava a olhá-lo, à espera.

*

AO CABO DE TRÊS DIAS no mar, sem sinais de uma força expedicionária e sem nada saber por qualquer das tripulações nativas que interpelava, Mission percebeu que a história do cerco era um logro para o atrair para longe do colonato e regressou. Atrasado por ventos frontais, levou oito dias a chegar a Libertatia.

Do porto viu que o colonato era agora um monte de cinzas onde restava apenas o cheiro a queimado e a morte. Mission encaminhou-se para o interior, com um medo nauseante no estômago. Passou adiante da carniça no terreno e atravessou a selva até à estrutura antiga.

O ARCO TINHA SIDO feito em pedaços com uma carga explosiva e as raízes arrancadas como mãos partidas saíam das pedras e do cascalho. Mission ouve um débil grito lamentoso: o Fantasma está preso debaixo de uma grande pedra. Retira a pedra para o lado e toma nos braços o lémure moribundo, sabendo que o Fantasma tinha estado apenas à sua espera. O lémure pouza na sua cara uma pata lenta e solta um grito triste, fraco. A pata cai. Mission soube que uma oportunidade que ocorre apenas uma vez em cento e sessenta milhões de anos estava perdida para sempre.

A ENTRADA... um filme antigo... turvo, explosivo de fragmentação... pata lamentosa na sua cara... Ele sabe que eu estou a cento e sessenta milhões de anos de distância... Raízes arrancadas como mãos partidas... um grito triste, fraco.

A dor pode matar mas o Capitão Mission é um soldado.



Não se rende perante o inimigo. Com um sacão de agonia, a sua dor forma uma imprecação⁵.

Transmuta a sua dor na brasa incandescente do ódio e lança uma maldição contra as Conselhos e os Martins deste mundo, contra todos os que os servem, hipócritas e acólitos:

— Derramarei sobre eles o sangue de Cristo!

Cristo voltou do seu jejum de quarenta dias no deserto, tendo resistido às blandícias de Satanás.

Encontra-se na oficina de seu pai. A sala e os objectos que contém são-lhe tão estranhos que ele não tem a sensação do regresso. Terá ele alguma vez usado estas enxós, serrotes, martelos para fazer mesas, cadeiras e cómodas?

Há uma peça de madeira tosca no torno. Pega na enxó. Sabe que este instrumento é usado para amaciar e dar forma à madeira em bruto. Por momentos sente as vibrações da ferramenta na sua mão, desvanecendo-se como vestígios de um sonho, deixando-lhe nos dedos um peso morto. Põe uma mão na madeira e com a outra vibra um golpe seco para baixo, na direcção de um nó protuberante.

A enxó desvia-se do nó e corta-lhe a mão esquerda entre o polegar e o indicador. Um golpe profundo, mas ele não sente mais dor do que se a sua mão fosse feita de madeira. Olha para baixo sem querer acreditar. O sangue que goteja não é vermelho, é de um amarelo esverdeado claro que exa-

5. Recorde-se que a caverna contém também todas as doenças extintas, as Sete Pragas do Egipto, o Pêlo, as Coceiras, os Suores, tudo contido no molde do homem. Uma vez partido o molde, libertam-se todas as pragas dos tempos.

la miasmas de corrupção amoniaca, como urina podre, os miasmas da presença do homem na terra. Nos sítios onde o sangue caiu sobre a madeira em bruto corrói como ácido, delineando uma simiesca cara maligna manchada de ódio, maldade e desespero.

Com os dedos da mão direita toca na ferida, que se fecha e cura ao seu toque. Não fica sequer uma cicatriz.

E UM HOMEM veio ter coMigo com um macaco doente nos braços e disse:

— *Cura o meu macaco.*

— *Não sei curar animais, não têm alma.*

— *Mas têm graça beleza e inocência. O que são as pessoas que curas senão animais? Animais sem graça, animais feios deformados e enfermos pelo ódio que lhes causou a doença...*

Afagou o seu macaco doente e afastou-se. Depois olhou para trás e disse:

— *Vai curar os Teus leprosos. E os Teus mendigos malcheirosos. Cura até já não teres nada que curar.*

E outros vieram com gatos e furões doentes. E veio um com uma criança doente:

— *Esta criança tem poderes. Pode ver o que vai na mente de outrem. Sabe falar com o vento e com as árvores e com os rios. Cura-a.*

— *Não posso curá-la porque não Me conhece e não conhece Aquele que Me enviou.*

— *Então não quero saber mais de Ti nem d'Aquele que Te enviou. Pois Ele enviou-Te para tornares os homens menos do que são, não mais. Enviou-Te para fazeres escravos,*

não homens livres. Enviou-Te para nos cegares os olhos e tapares os ouvidos.

HÁ UMA QUANTIDADE fixa de energia e todas as vezes que a uso resta muito menos. Uma mulher insinuou-se e tocou a Minha túnica e eu disse: — A virtude foi-se de Mim! — sentindo-a ir-se. Tem cor e a sua cor é azul, um azul mais profundo que o do mar ou do céu. Vou gastá-la toda e depois deixa de haver, nunca mais haverá.

Hoje veio a Mim um homem. Disse que era pintor e que os seus olhos estavam a falhar.

— *Não é por mim que peço para ser curado, mas pelo dom que tenho. Vejo o que está por trás das caras e por trás dos montes e das árvores e do mar. Vejo o que mais ninguém pode ver e pinto o que vejo.*

Disse-lhe que não podia curá-lo porque ele não tinha fé. Ele riu-se com um som duro, áspero como o de uma lima a cortar bronze, e disse:

— *As pessoas que curas não merecem ser curadas. É por isso que as curas?*

— *É a sua fé que as cura.*

— *Mentira. Pinte um retrato Teu. É o retrato de uma mentira.*

E ergueu o retrato diante da Minha cara. Tinha sido pintado num pequeno quadrado de uma madeira maciça e as cores seguiam o grão da madeira como se a madeira tivesse pintado o quadro.

Fiquei sobressaltado porque já tinha visto aquela cara antes, gravada na madeira onde tinha caído o Meu sangue quando Me cortei na oficina do Meu pai. E fez-se escuro

diante dos Meus olhos. Quando a escuridão passou, o homem tinha desaparecido.

*

MARINHEIROS QUE NAVEGAVAM JUNTO da costa da Toscana ouviram altas vozes dizendo de certeza absoluta palavras que jamais serão de novo ouvidas:

— *Morreu o grande deus Pã!*

A data era 25 de Dezembro, ano Zero a.d.⁶

COMO OS MAGOS de Marrocos comem os seus excrementos para se distinguirem dos outros humanos, assim Cristo recebia o seu poder da corrupção antiga de um sangue diferente. Põe-se a questão: Cristo efectuou realmente os milagres que se lhe atribuem? A minha opinião é que terá cometido decerto alguns desses escândalos. Os Budis-

6. Os milagres têm que se pagar. Pagar em vida, em beleza, em juventude, inocência, alegria, esperança... em momentos efêmeros. Os momentos mágicos... Homenzinhos cinzentos brincam de madrugada nos seus fortins, uma rena verde flutua num charco verde, a luz do pintor toca um gerânio vermelho numa sacada de Paris, apanha um gato branco numa parede vermelha em Marraquexe...

Quanto desta moeda cobrou Cristo aos futuros humanos para curar um horrendo idiota leproso, um mendigo fedorento, zarolho, com lábio leporino, a babar-se? Terá Cristo alguma vez procurado um homem que merecesse ser curado por ter um dom especial, um talento único num milhão? Ora, ora, Cristo estava interessado na quantidade, não na qualidade. Do seu ponto de vista não faz diferença quem se cura. O importante é instaurar um monopólio *para que nunca mais possa haver milagres.*

Portanto, Cristo tratou de destruir a matéria-prima dos milagres: as almas, os espíritos, djoun, prana, a força que anima todas as criaturas vivas... espontâneas, imprevisíveis, vivas. E o que é o Pânico? É perceber que tudo está vivo.

O grande deus Pã morreu.

tas consideram os milagres e as curas coisas duvidosas, quando não repreensíveis. O fazedor de milagres perturba a ordem natural com incalculáveis consequências a longo prazo e é muitas vezes motivado pela busca da glorificação de si próprio.

Portanto, partindo do princípio de que Cristo operou milagres, o que ele fez não foi assim muito notável. Qualquer mago competente sabe curar (às vezes: não se pode ganhar sempre) e enxotar demónios, particularmente se foi ele próprio a instalá-los. Muitos práticos sabem fazer magias com o tempo. Uns poucos levantam mortos.

A missão de Cristo era demonstrar que estas coisas só podem ser feitas uma vez por um único homem ou por um representante acreditado. A sua missão era uma mentira. Cristo instaurou um monopólio dos milagres e um monopólio baseado no maravilhoso⁷.

Cristo auto-denominava-se Filho do Homem. Eu disse que Cristo foi o molde do homem. Isto não é exacto: o que

7. Os ensinamentos de Cristo equivalem a um suicídio biológico. Há-de o veado procurar o leopardo e oferecer o cachaço às suas garras? Hão-de os peixes impalar-se nos anzóis e saltar para dentro das redes? Nenhuma espécie animal pode sobreviver procurando e amando os seus inimigos. Como conselho prático, é uma loucura, ao nível corporal. Ao nível psíquico, quem pode aproximar-se assim tanto de um inimigo também pode fazer dele um amigo ou matá-lo por proximidade alienígena. Um homem sábio e mágico disse-me uma vez: «Não tenho inimigos, transformo-os todos em amigos.» Era o mais mortífero operacional que já conheci.

Os ensinamentos de Cristo fazem sentido ao nível do vírus. O que faz o nosso vírus aos inimigos? Transforma os inimigos em si próprio. Se não conseguiu apanhá-los numa face, apanha-os virando a outra. Poucas coisas são tão difíceis como amarmos os nossos inimigos. Por isso, quem o conseguir terá um grande poder. Amar um inimigo é uma prática desumana que coloca quem a possui muito acima — ou muito abaixo — do nível humano.

se passa é que ele derivou do molde do homem e era filho do molde. Todas as espécies derivam de moldes. Há moldes de gato, moldes de veado, moldes de cobra, moldes de centopeia, moldes de primata. Quando o molde é destruído ou morre, a espécie extingue-se.

O saber imperdoável: *O Criador já não sabe criar mais* (se é que alguma vez soube). Só sabe manipular as criações dos Seus servos mortais. Começa lentamente a perceber, à medida que os objectos familiares emergem à luz da manhã, que está a ser riscado pelo Controlo Central.

O seu superior disse-lhe uma vez, numa confiança de bêbado, que a coisa mais penosa que um superior podia ter que fazer era riscar um agente operacional. Se for riscado competentemente, o próprio agente começa a duvidar da sua missão e acaba por duvidar da sua sanidade. Ouve vozes? Sente a danação a chegar-se, como um espesso nevoeiro amarelo, e sente o medo de que a sua missão se esboroe como serradura de madeira.

Começa a duvidar de que alguém o tenha enviado, de que tivesse qualquer missão ou propósito para além dos ditames de um cérebro em desordem. Haverá algum Pai que o tenha enviado, que fale dentro da sua cabeça com uma voz diferente? Já viu loucos a berrar mensagens pelas ruas, mordidos por cães, apedrejados por crianças. Não será ele apenas mais um lunático agarrando-se desesperadamente a uma certeza absoluta, quando a sua Verdade é poeira ao vento? O agente honorário de um planeta que se apagou há muitos anos-luz...

Cristo deve ter percebido na Cruz que tinha sido tramado. Sem a Crucificação, a sua cena toda ficaria tão chocha como a última cerveja da noite. Portanto, a sua missão final era in-



duzir, por meio de um potente símbolo, incontáveis milhões de seres humanos a aceitar uma descarada mentira. De facto, toda a gente tem o *potencial* de curar e de influenciar o tempo.

E os racionalistas que rejeitam os seus ensinamentos são os mais influentes perpetuadores da mentira. Entre crentes e não crentes há apenas o fio da navalha: de ambos os lados da lâmina, o abismo da ignorância voluntária. Não há pior cego do que o que não quer ver.

Brion Gysin tinha uma historinha nuclear para todo o serviço: há uns triliões de anos, havia um gigante sujo e fedorento que deitava sebo dos dedos. Uma destas bolas de sebo é o nosso universo que vai a cair para o chão.

Tchape.

DEPOIS DA MORTE do Capitão Mission, a entrada bloqueada da sua residência de adopção e a árvore rebentada na sua frente ficaram a ser protegidas pelos Sete Guardiões. Os Guardiões não eram uma ordem hereditária. Quando um Guardião morria, os outros procuravam quem o substituísse, que seria reconhecido por certos sinais. Por vezes, o escolhido era uma criança; noutros casos, um adolescente ou um adulto. Alguns dos eleitos eram até bastante idosos. Como só havia sete Guardiões de cada vez, a ordem conseguia manter um elevado nível de secretismo.

O terreno à volta da árvore e a entrada eram, evidentemente, propriedade dos Guardiões, que tinham maneiras de desencorajar os intrusos. Potenciais intrusos, por uma razão qualquer que nunca pôde ser formulada, desviavam-se instintivamente do local. Era coisa a esquecer o mais depressa possível. Por isso, ninguém na zona

sabia sequer onde ficava a região proibida.

O Conselho sabia dos Guardiões, mas considerava-os risíveis. Estava convencido de que Martin tinha efectivamente bloqueado a entrada, se é que havia entrada. Enviaram, porém, agentes para eliminar os Guardiões e tomarem posse do terreno. Escaparam três Guardiões e os agentes não encontraram vestígios da entrada.

O Conselho tinha na realidade perdido o interesse por aquilo que ficara conhecido como Museu das Espécies Perdidas, tendo mesmo alguns membros sugerido que o museu era uma invenção da mente toldada pela droga do falecido Capitão Mission. Aliás, havia matérias mais prementes: discórdia internacional a uma escala sem precedentes. Os computadores do Conselho calculavam que a discórdia se tornaria aguda nos próximos cinquenta a cem anos. Tinham que pensar pelo menos com essa antecipação.

Para desviarem as atenções dos problemas da sobrepopulação, exaustão de recursos, deflorestação, poluição pandémica da água, do solo e do céu, deram início a uma guerra contra as drogas. Assim surgiu o pretexto para instaurar um aparelho policial internacional destinado a acabar com a dissidência ao nível internacional⁸. O aparelho internacional chamou-se ANA: Anti-Narcóticos Associados. Em Árabe, *ana* significa «eu», por isso pode-se abreviar ANA para Eu.

— UMA OVA.

— Sim... mas já há muito quem tenha consciência do Eu.

8. Como afirmou William von Raab, dos Serviços Alfandegários dos Estados Unidos: «Isto é uma guerra e quem quer que sugira uma atitude tolerante para com a droga deve ser considerado traidor.»



O membro texano do Conselho levantou os olhos do seu problema de palavras cruzadas.

— E depois? Temos a Maioria Imbecil.

— Isso não é nenhuma maioria.

— E quem precisa de maiorias? Dez por cento mais a polícia e a tropa é quanto basta. Além disso, temos os meios de comunicação, anzol, linha e luzinhas. Há algum jornal de grande tiragem que suspeite sequer que a guerra contra as drogas é uma baleia vermelha? Há alguém a perguntar porque é que não vai mais dinheiro para a investigação e tratamentos? Há alguns jornalistas de investigação a coscuvilhar a lavagem de dinheiro na Malásia? Ou as contas bancárias *offshore* do Mahathir bin Mohamed? Alguém diz que os traficantes enforcados na Malásia não são exactamente caça grossa? Não há limites para o que os *media* são capazes de engolir e cuspir nas suas páginas de editorial. E depois?

— Mas não estaremos nós a cortar as nossas próprias vasas?

— Não, estamos só a esticar a corda e a eliminar a concorrência rasteira.

— Mas se dermos cabo de todos os drogados...

— Não damos. Só os bastantes para subir o preço e claro que há-de haver períodos de abrandamento.

Portanto, está-se mesmo a ver que o dinheiro todo que há neste planeta feito de dinheiro não serve sequer para papel higiénico.

E o fantasma do Capitão Mission quase se ri com os seus botões:

— Vão ensaiar um novo agente biológico, não é?

III

Era um dia límpido em Madagáscar, perfeito para queimadas, um vento forte a varrer a ravina em direcção a um pano de floresta húmida. Um grupo de pastores ocupava-se em ministrar o que chamavam «naco verde» aos seus zebus inúteis, uma pequena raça de bois corcundas e negros venerada pelos nativos e ligada a umas práticas funerárias idiotas.

Uma árvore gigantesca e frondosa, cujas raízes abraçavam a terra como uma mãe que protege as suas crias, irrompeu de súbito numa massa de chamas e ouviu-se uma sonora explosão que atirou ao ar pedras e pó. (A explosão foi causada por um barril de pólvora deixado por Martin, um que não tinha detonado no rebentamento que selara a entrada para o Museu das Espécies Perdidas.)

Os pastores recuaram, protegendo a cabeça. Ninguém ficou ferido. Depois de analisarem o problema, concluíram



que alguém, na tentativa de rebentar com a árvore, tinha descuidadamente deixado ali alguma dinamite.

Sifka Babirbutu era um homem de certo peso, uma vez que era dono do maior rebanho de zebus do distrito. Quando chegou à sua casa de dois pisos, a sua mulher já lhe tinha preparado um banho quente. Depois de tomar banho, em vez de vestir, como de costume, as suas calças e camisa de pano, escolheu o seu melhor fato de cerimónia.

A mulher olhou para ele com fria reprovação.

— Estás bêbado, ou quê? Onde é o funeral?

— O funeral é o de toda a humanidade, a não ser que me sigam. Nada pode salvar o mundo se não forem sacrificados todos os zebus de Madagáscar.

A mulher observou um estranho brilho em torno da sua cabeça e a sua voz, como ela mais tarde contou ao homem do Centro de Controlo de Doenças,

— A voz dele trespassou-me por completo. A seguir soltou um enorme grito que fez o meu cabelo arrepiar-se como os pêlos de um ouriço, e caiu morto, como fulminado por um raio.

As vítimas da doença que Sifka Babirbutu tinha contraído apresentavam todas, como mais tarde demonstraram as autópsias, uma anomalia comum: tinham as veias cheias não com sangue, mas com um soro amarelo-esverdeado que soltava um fedor horrível. A doença espalhou-se com grande rapidez pelo continente africano e de lá pela Europa e pela América.

Na primeira fase, as vítimas tinham alucinações bizarras e convenciam-se de que possuíam poderes miraculosos e por isso apressavam-se a impor as mãos a quem quer que

achassem no seu caminho doente ou aleijado. Os doentes eram particularmente desordeiros nos hospitais, correndo às salas de operações e de partos. Sabia-se que esta fase duraria algumas horas ou dias.

Seguia-se-lhe uma fase violenta em que a vítima acusava toda a gente que encontrava de trair o Filho do Homem. E alguns, na sua demência zelosa, eram levados a soltar o raio fatal de terríveis lança-chamas de fabrico caseiro e de bizarros aparelhos eléctricos ou a fazer um uso sanguínário de espadas e machados. A fase terminal era de dor, apatia e morte⁹.

O VENERÁVEL CIRURGIÃO, com um súbito abanão violento, deitou ao chão o paciente que tinha na mesa de operações.

— Pega nas tuas coisas e vai-te embora. Não queremos cá gente da tua laia. Merda de inválido!

O padre sacrifica uma criança humana no altar com uma serra de fita e bebe de um trago um cálice de sangue antes que o seu paralisado rebanho possa intervir.

Tem-se visto pessoal da polícia e do exército iniciar a fase violenta com pleno vigor, com o seu potencial destruidor limitado apenas por uma elevada incidência de hemorragias cerebrais.

9. Como qualquer médico astuto muito bem sabe, o progresso da doença segundo os sintomas clássicos é mais a excepção do que a regra. Pode observar-se uma qualquer combinação dos sintomas esperados ou a correspondente falta deles. Por vezes, no caso do Mal de Cristo, o primeiro sintoma é a morte. Noutros casos a doença é de etiologia insidiosa e pode levar semanas ou mesmo meses a manifestar-se. Nos casos em que a vocação do paciente lhe dá uma certa margem, a doença pode passar desapercibida até ocorrer uma flagrante violação do dever.

CALCULA-SE que cem milhões de pessoas morreram do Mal de Cristo. Mas os que morreram nada contam comparados com os sobreviventes.

— Eu sou o caminho. Ninguém chega ao Pai a não ser por Meu intermédio.

Imagine-se centenas de milhar de profetas todos a dizerem com absoluta convicção «Eu sou o caminho», reunindo discípulos, fazendo até milagres. Os efeitos especiais evoluíram muito desde Jesus.

Os Literalistas — ou «Litas», como são conhecidos — aplicaram realmente as palavras de Cristo a práticas desastrosas.

Ora Cristo diz que se algum filho da mãe te tirar metade das roupas lhe dê a outra metade. Em conformidade, os Litas percorrem as ruas à procura de tolos e despem-se todos quando vêem um. Muitos tolos infelizes foram esmagados sob pilhas de Litas seminus em luta.

Os Implacáveis do Perdão, um subgrupo de Litas, percorrem qualquer distância à procura de um inimigo para lhe perdoarem. O *don* da Máfia barricou-se no seu refúgio de Long Island para que um *don* rival não se insinuasse e caísse nos seus braços a fim de lhe perdoar tudo de vez. Os criminosos invadem as esquadras de mãos estendidas a pedir algemas. Não há dúvida alguma, irmãos e irmãs, amor é a resposta.

— Deixai brotar o amor como um jacto de fogo de melaço. Dai-lhe o beijo da vida. Enfiai a vossa língua pela sua garganta abaixo, provai o que ele esteve a comer e abençoai a sua digestão, deslizei para os seus intestinos e ajudai-o a trabalhar a comida. Dizei-lhe que venerais o seu recto como

parte de uma inefável Inteira. Ele que saiba que vos postais em nua adoração perante os seus órgãos genitais, que fazem parte do Plano Director, a vida em toda a sua rica variedade.

— Não hesiteis. Deixai que o vosso amor entre nele e o penetre com o Divino Lubrificante que faz a vaselina e a lanolina parecerem lixa. É o mais mucilaginoso, fino, escorregadio lubrificante que já houve ou haverá, amen.

É conhecido por Fantasma Untuoso e acarinha-te todo por fora e por dentro. Mas há tipos que dizem que os Amantes Mortais não passam de vampiros ruins e podres e que precisam de levar com uma estaca pelo rabo acima antes de nos fazerem a todos numa sopa mastigada e nos chuparem de vez à força de tanto amor. Chamam-lhe o «Plano Director».

ESTAS PRÁTICAS EM BREVE precipitaram uma aguda falta de inimigos, dando origem aos Serviços Inimigos Profissionais: SIP. Dê-nos as suas especificações e os nossos especialistas inimigos farão o resto. Iniciar uma nova religião? Seita? Não há culto que vença sem inimigos.

Precisa de um inimigo pessoal? Alguém especial só para si? Pois bem, desista do inimigo consumado, tudo o que você detesta e o detesta a si, todos os pequenos maneirismos, pormenores de vestuário, tudo o que o incomoda. Meta apenas as suas especificações no computador e o seu inimigo pessoal aparece logo no ecrã.

Dê-lhe o seu amor e terá a sua auréola.

MEDUSA, COM O SEU CABELO afro de cobras sibilantes, faz uma pergunta: Quando é que uma auréola se tor-



na uma extensão e até onde podem ir essas extensões? Olhos por toda a parte, no seu televisor, no quarto, no quarto de banho... grossos narizes vermelhos de polícias a cheirar erva. Milhares de irmãos metediços que te cheiram, ouvem, vêem, dia e noite. Uma boca pode sair de um sinuoso tubo cor-de-rosa e roubar comida do prato ou mesmo do garfo de uma gastrónomo aterrado, depois recuar, deixando um rasto de muco intestinal.

Além disso, este Mal de Cristo era apenas uma das muitas pestes soltadas pela fatal explosão do «naco verde» na porta escondida do Museu das Espécies Perdidas, cujos exemplares obviamente incluíam vírus além de animais. Sempre que uma estirpe viral conseguia sair ou nos raros casos em que os cientistas finalmente conseguiam uma vacina ou tratamento, logo outra praga tomava o seu lugar. Voltamos à estaca zero, Professor¹⁰.

*

E EIS-NOS REGRESSADOS ao jardim zoológico e botânico das espécies extintas. O Jardim das Oportunidades Perdidas. As ruas tristes da Oportunidade Perdida. Criaturas demasiado confiantes e gentis para sobreviverem. Um lémure brinca com um colono bestial que, com um urro medonho, o escacha com o seu machete e o deixa a sangrar até morrer.

10. O Professor Unruh von Unerhört avançou a hipótese de todas as pestes estarem relacionadas, partindo de «uma horrenda falha básica na urriguen da humanidade. Está porrtanto a regrezar ao macho. O que é preciso é porrtanto um soro anti-*Menschen*.» O soro anti-humano do bom do professor revelou-se fatal numa elevada percentagem de casos e de todo inútil nos sobreviventes, por isso em breve foi abandonado.

— Vê lá se me mordes, ora vê. Raio de animais.

E lembram-se dos pombos migratórios? A cair das árvores como chuva. Vendem-se todos os que se consegue matar. E a bom preço.

O cenário aqui tem um impacto devastador, montanhas abruptas, fendas e vales que se afundam em profundezas sem luz. Está tudo simultaneamente presente, animais, plantas, insectos, invertebrados, anfíbios, répteis, tudo no seu habitat natural. Traíçoeira a era que se aproxima, a era das doenças extintas. Esfaimada ao cabo destes anos todos.

Ora, habitualmente, uma doença diz-se extinta porque já matou um número suficiente de hospedeiros e não encontra mais a tempo. Muitos destes bichos certos e vorazes cem por cento fatais não duram muito. Conseguem espalhar-se um pouco e ficar por lá, como a constipação, ou as aftas ou a humilde verruga. Alguns são tão mortais que poderiam varrer uma aldeia inteira numa semana.

Azares da guerra. Muitas maleitas das boas, esfaimadas e à espera.

Eis o Pêlo. Da noite para o dia, a barba de um homem cresceu três polegadas e o Pêlo rasteja por toda a vítima, pesado e em fileiras, com as raízes a entrar-lhe pelo estômago e pelos intestinos, a fechar-se em torno do seu fígado e coração. No fim vai parecer uma grande madeixa de cabelo.

NICK GRENELLI É naturalmente hirsuto, tem pêlo preto no peito, nas costas e nos ombros. Tem que se barbear duas vezes por dia.

Certa manhã acorda e descobre que tem cabelo por cima das orelhas e uma barba negra de pelo menos quatro dias

na cara. Os cabelos do seu corpo e braços estão também mais compridos e tem uma sensação irritante na pele, como se sentisse os pêlos a crescer. Abalado, barbeia-se e faz uma chávena de café.

Senta-se no pátio de sua casa em Miami e repara que caíram na mesa pêlos dos seus braços e dos pulsos e a seguir, com um arrepio, percebe que os pêlos estão a mexer-se, enroscando-se como delgados filamentos vivos, pequenos vermes negros, de facto.

— Meu Deus! — exclama, e nesse momento um sopro de vento leva os cabelos contra a parede à volta do pátio e para o céu azul.

No dia seguinte, quando acorda, tem uma cortina de cabelo diante dos olhos e quando se mexe na cama sente uma almofada de cabelo debaixo do corpo. Tem o nariz entupido por pêlo, as suas sobrancelhas e pestanas cobrem-lhe os olhos. Com um grito, corre ao quarto de banho: o rosto está completamente coberto; grandes madeixas de cabelo saem-lhe dos ouvidos, das palmas das mãos, da sola dos pés. E os pêlos estão vivos, todos enroscados e torcidos, com vida própria. Cresceram-lhe pêlos dentro das bochechas e no palato que lhe encham a boca e a garganta.

SUNDOWN SLIM ACORDA sobre um colchão na ilha de tráfego que separa Houston Street da Bowery, em Nova Iorque. Parece estar coberto por um casaco de peles. Pôs-se a pé meio tonto e descobriu que o casaco estava por dentro e não por fora da sua roupa, brotando pelas aberturas da camisa, pelos tornozelos e pelo pescoço. Afastou cabelo dos olhos.

— Bem — concluiu — devo estar com *delirium tremens*.

Apalpou o bolso do relógio: um tilintar tranquilizador: dois dólares. O bastante para um frasco de *sherry*. Deu à sola para atravessar a Houston e seguir pela Bowery até uma loja de bebidas.

O dono olhou para ele com fria reprovação.

— Olhe lá, não estamos no Carnaval.

— Hein?

— Quem é você, o macaco peludo?

Slim pousou os seus dois dólares no balcão. Mas em vez de pegar no dinheiro, o lojista pôs-se a olhar para o balcão, onde caíam, das mãos e pulsos de Slim, pêlos que começavam a torcer-se e a enrolar-se e a saltar, longos fios com raízes brancas. O lojista recuou com uma exclamação de nojo.

— Ponha-se daqui para fora e leve o seu dinheiro!

Furioso, Slim largou para a rua. Sentia uma estranha comichão por todo o corpo. Saltavam pêlos da sua braguilha. O seu nariz estava tapado com pêlos. Mal podia respirar. As pessoas olhavam para ele e desviavam-se. Os pêlos estavam a *crescer*. Começou a arrancá-los da cara e do pescoço e os pêlos saíam em tufos e voavam no vento frio de Primavera.

NICK GRENELLI CHAMOU o médico. O médico está abalado, mas tenta minimizar a situação:

— Estão vivos, digo-lhe! Olhe!

O médico recusa-se a olhar.

— É apenas elasticidade diferencial. É simplesmente um impulso glandular que se pode corrigir facilmente com os suplementos hormonais apropriados. Vai ter que vir ao hospital para uns exames.



O médico já ouviu falar de outros casos, mas não faz ideia de qual o tratamento, se é que há algum. Um caso sobre o qual se lembra de ler dizia respeito a uma mulher que ficou coberta por uma súbita erupção de pêlos do corpo. Os pêlos até cresciam nas palmas das suas mãos e nas solas dos seus pés.

O interno dá uma olhadela e envia Nick para o isolamento.

SLIM CAI NO passeio aos gritos e ao gritar os pêlos saíam em catadupas da sua boca e vão-se embora. Aproximaram-se dois polícias, mas depois pararam.

— Que raio vem a ser isto? O gajo tem pêlo a crescer por todo o lado.

— É melhor chamarmos uma ambulância e afastarmo-nos dele.

— Pêlos, diz você?

Murmúrios de vozes na linha.

— Ouça. Não toque em nada, mas mantenha-o à vista. Chegamos aí em três minutos.

Sirenes a berrar, a ambulância chega. Saem homens de bata com máscaras e óculos. Agarram Slim com mãos enluvadas e metem-no na ambulância. Os polícias ficam a ver a ambulância afastar-se e abanam a cabeça.

O DONO DA LOJA de bebidas fita os pêlos que se contorcem no seu balcão.

— Parece uma espécie de minhocas.

De repente, um dos pêlos salta e aperta-se em redor do seu polegar.

— Valha-me Deus!

Deita fora o pêlo, mas uma pequena raiz fica enterada e ele sente uma comichão a subir do seu dedo para o braço.

O Doutor Pierce acorda de um pesadelo. Uma enorme aranha peluda na sua cara, sufocando-o. A tremer, acende a luz e vai ao quarto de banho. Tem a cara coberta de pêlos retorcidos, com pequenos ganchos farpados nas pontas. O telefone toca. Esmagado de horror, a sua voz abafada por pêlos que lhe bloqueiam a garganta...

— Doutor Pierce?

— Sim.

— Fala o Doutor Mayfield. Internou hoje um doente? Nicola Grinelli?

— Sim.

— Tivemos uma chamada de Atlanta. Parece que ele sofre de uma nova doença e quem quer que tenha entrado em contacto com ele corre o risco de ser infectado. Sugiro que venha o mais depressa possível para fazer exames¹¹.

*

11. Pensemos na história da doença: é tão velha como a vida. Mal uma coisa ganha vida, logo outra está à espera para a adoecer. Ponham-se no lugar dos vírus, não fariam o mesmo? Como, quando e onde começou a malária? Dizem que a SIDA é uma mera variante do vírus *visna*, que aparece naturalmente nos carneiros e é sempre fatal. (Credo, os pastores foram outra vez marotos?)

E há quem diga que a sífilis começou por um idiota de aldeia se ter posto num lama.

E as temíveis EVI: um órgão qualquer do corpo abre loja e desata a crescer por conta própria: enormes cérebros em tambores de petróleo de cinquenta e cinco galões, um rim monstruoso que pode ser usado para diálise.

Um peido malcheiroso que não faz bem nenhum a ninguém.

CONTINUAÇÃO: A Febre da Aranha Vermelha. A febre é transmitida por uma pequena aranha vermelha com cerca de um quarto de polegada de comprimento. Poucos segundos depois da mordidela, a vítima sente uma fogueira intensa no sítio. A comichão rapidamente se espalha por todo o corpo até a vítima sentir toda a sua pele atingida, a arder, a inchar, como picadas de abelhas. Os gânglios das axilas e das virilhas incham e acabam por rebentar quando o paciente, gritando em agonia, sente repetidos orgasmos involuntários e ejecta o excremento vermelho brilhante da febre, onde chocam já ovos da aranha. A doença passa de-

A EVI mais temida é a Moca. Não é nenhum tumor, vejam só, é apenas uma gaita grande que está sempre a crescer. O cheiro, mofento, podre, é sufocante, como uma coisa que esteve séculos guardada numa redoma. A gaita já vai em noventa centímetros de comprida e, com a vítima a ver, inteiriça-se e aumenta, com lubrificante a sair das quatro ranhuras da cabeça. A coisa pulsa com horrenda necessidade:

«*Esfrega-me! Esfrega-me! Esfrega-me!*»

Além disso, a vítima não consegue parar de esfregar lubrificante na cabeça da sua gaita. A coisa ejacula, imediatamente, lançando sêmen para o tecto e contorcendo o corpo cansado da vítima em espasmos dilacerantes. Sente os tecidos e os ossos a dissolver-se, arrastados para dentro de testículos grandes como bolas de futebol. Na fase terminal a vítima fica reduzida a uma crisálida ligada a um pénis descomunal; só resta a cabeça, engrinaldada por um colar de pêlos púbicos.

Depois, há a SIDA aérea e a igualmente fatal Rejeição, em que o sistema imunitário assume o controlo do corpo, rejeitando primeiro as bactérias intestinais, depois a própria comida, finalmente as vísceras, fazendo cair os órgãos um após outro. As vítimas identificam-se pela cara, fixada numa máscara de rejeição, e por uma desgraciosa rigidez da postura, como se fossem feitas de vidro. Estas vítimas isolam-se em contentores improvisados — caixas, tendas, folhas de plástico, múltiplas máscaras e luvas — que estão constantemente a aspergir de desinfectante até sucumbirem de anorexia, desidratação e paragem interna.

Há também as doenças animais: o antraz, a febre aftosa, os humores malignos e outras afecções virais. A começar por Madagáscar, o gado de todo o

pois para os órgãos internos, originando hemorragias maciças e asfixia na garganta e pulmões. A morte sobrevém habitualmente vinte e quatro horas após a infecção.

Geograficamente, a Febre da Aranha Vermelha está confinada a uma pequena área de cerca de quinze quilómetros de comprimento por um e meio de largura. Obviamente, há qualquer coisa nessa zona essencial ao ciclo vital da aranha. Este local, chamado Terras Vermelhas, produz também um metal que tem a aparência do ouro mas lhe é muito superior como condutor eléctrico e mais duro do que aço tratado. O metal é tão maleável como gesso quando misturado com certos solventes.

mundo foi praticamente aniquilado. Os ovinos também não se safaram, dizimados por uma variante do vírus visna. Os porcos e as cabras pareciam mais resistentes e por alguma razão as espécies selvagens eram relativamente imunes. Cães e gatos, porém, morriam aos milhões, o que até nem estava mal, uma vez que já não restavam donos humanos para lhes dar de comer e cuidar deles.

Claro que teria sido possível descobrir curas e vacinas, se não fosse a afluência esmagadora e a conseqüente falta de tempo até para os cuidados primários, quanto mais para investigação e, o que era mais grave, a falta de pessoal qualificado para aproveitar a investigação. Os cientistas, os técnicos, os programadores, os matemáticos e os teóricos têm sido praticamente aniquilados por uma pestilência selectiva chamada Doença das Ideias (ou Cabeça de Melão). A Doença das Ideias caracteriza-se pela ausência de qualquer motivação no córtex cerebral. O que há-de um computador fazer se não tiver programador a programá-lo? Nada. E é isso o que acontece com as vítimas da Doença das Ideias, repetem sempre as mesmas fórmulas e teorias, como discos encravados. A nossa melhor arma contra o vírus é imunização... imunização... arma arma arma... melhor melhor melhor.

Sem motivação... incapazes de levar a cabo as coisas mais simples... vestir, comer... rebolam-se na sua urina e excremento... têm que lhes dar de comer na boca... Não há tempo nem pessoal para essas coisas... é riscá-los e pô-los juntos com os catatónicos e outros terminais... não há ninguém para olhar por quem não pode olhar por si...



Um contrato de seis meses para as minas das Terras Vermelhas e um homem pode viver bem para o resto dos seus dias, por isso há sempre candidatos. Mas têm que aguentar os seis meses para receberem. Não é preciso dizer que os mineiros empregam vários repelentes e métodos de fumigação para obviar ao perigo representado pela aranha. O mais eficaz é um composto orgânico obtido a partir de uma mistura de sais de ouro com a seiva coagulada de uma cacto vermelho indígena da zona. Embora este preparado, que pode ser injectado ou tomado oralmente, seja extremamente viciante, reduz a febre a uma irritação menor, tal como o ópio torna os viciados imunes a afecções respiratórias.

Os Áureos, que é como chamam às pessoas que usam este medicamento, identificam-se facilmente pelos reflexos com brilho dourado e profundas olheiras ouro-escuro que encolhem os olhos até os transformar em pontos redondos. As orelhas colam mais à cabeça e acabam por entrar na carne por completo. Os sintomas de abstinência são terríveis, uma vez que os ossos foram substituídos por sais de ouro e se o ouro for retirado os ossos fracturam e esboroam-se por dentro; a morte verifica-se dentro de vinte e quatro horas, com a vítima em incrível agonia. Cientes destes efeitos secundários, muitos mineiros preferem pôr a sua fé em rituais, incenso e repelentes químicos menos eficazes.

Têm-se repetido as tentativas para exterminar as aranhas, mas o solo rochoso do deserto proporciona esconderijos onde elas podem esperar o fim de qualquer programa de pesticidas. As aranhas tornaram-se imunes a

muitos agentes, por isso há que ter prontos pesticidas alternativos para o temido ataque em massa.

Os Mineiros Vermelhos vivem em cubículos cortados na sílica vermelha e reúnem-se à noite no bar da Mina de Ouro. Alguns bebem Ouro, outros Cobre Vermelho, uma poção afrodisíaca que põe o consumidor às pintas vermelhas, como a urticária. O Cobre Vermelho transmite uma ligeira imunidade à febre, mas é ineficaz contra várias mordidelas. Nunca ninguém foi mordido no Bar da Mina de Ouro.

*

DAS DOENÇAS EXTINTAS, meu caro, algumas podem matar em *minutos*. Doenças devoradoras espreitam no pó e na palha, na neblina e nos pântanos, nas rochas fossilizadas. Algumas das mais mortíferas plantas parasitas especializaram-se no crescimento da carne humana, como as Raízes. Raízes crescem nas vísceras e nos gânglios, enroscam-se nos ossos; saem trepadeiras das virilhas e das axilas da vítima; rebentos verdes saem-lhe da ponta do pênis; gavinhas brotam das narinas para largarem sementes mortais capazes de se espalharem com o vento; espinhos rasgam-lhe os olhos; raízes incham e rebentam-lhe os testículos; o seu crânio parece uma jarra de espantosas orquídeas cerebrais que crescem sobre olhos mortos e um rosto idiota, enquanto a pele se vai transformando lentamente em cortiça. Em alguns casos, a metamorfose é completa. A vítima enterra-se no chão passando pela requintada agonia do tremor da seiva, das folhas comendo luz e das raízes que se alimentam de água, de esterco e de terra.



Outras vítimas são invadidas por uma planta parecida com as carnívoras que brotam de pústulas por todo o corpo e comem as larvas de insectos atraídos pela goma doce exsudada pela planta... gordos escaravelhos, gafanhotos, lagartas, abelhas, vespas, vespões¹².

*

AS RUAS DA Oportunidade Perdida. O homem sabe que tem uma oportunidade num milhão de fazer a ligação que animará a criatura de que o seu corpo é portador. Se não a fizer, a pequena criatura dentro dele morrerá. A tensão torna-a absolutamente implacável. Capaz de tudo para proteger a cria. Capaz de mentir, de fingir, de matar, sem hesitação. Porque é o portador, o guardião de uma criança num milhão.

Claro que houve espécies que se extinguíram antes de chegar o homem, mas o Homo Sap trouxe uma variante. Matou para comer mas também matou declaradamente por prazer. Além disso, mata pela mera fealdade da coisa. A Coisa dentro dele. O Espírito do Feio que encontrou um

12. Em Madagáscar houve em certa altura uma planta que comia pessoas, com dois metros e meio de altura e um metro de diâmetro e uma barriga bolbosa verde-arroxeadada. Tentáculos com espinhos pegajosos saíam do topo da planta e agarravam a sua presa enquanto um suco venenoso imobilizava a infeliz vítima.

Segundo um dos primeiros viajantes, os nativos temiam a veneravam esta planta que tinha a capacidade de projectar a sua fome de uma maneira a que não podiam resistir. Por isso criaram o hábito de sacrificar cativos a esse organismo. Quando levavam um prisioneiro à planta, os tentáculos torciam-se e enroscavam-se, soltando tão terríveis odores, conta o observador, que dez dias depois ainda ele não conseguia comer.

albergue de valor no Homo Sap, o Animal Feio.

Que mais distingue o Homo Sap dos outros animais? Pode disponibilizar informação pela escrita ou pela tradição oral para outros humanos Sap fora da sua esfera de contactos e para as gerações futuras. Esta distinção levou o conde Korzybski a apelidar o homem de «animal crono-retentor» e pode resumir-se numa palavra: linguagem... a representação de um objecto ou processo por símbolos, signos, sons, isto é, *por uma coisa que não é*. Korzybski começava uma aula com um murro na mesa dizendo:

— Seja isto o que for, *não é* uma secretária nem uma mesa.

Isto é, o objecto não é o seu rótulo.

O homem vendeu a alma por tempo, linguagem, ferramentas, armas e dominação. E para garantir que não sai da linha, estes invasores mantêm uma guarnição permanente no seu hemisfério cerebral não dominante. De outro modo, como explicar coisas biologicamente tão desvantajosas como uma mão débil? Dão com uma mão e tiram com a outra. Meio por meio. Que querem de mais justo? Ora, quase tudo.

Parece pois provável que os factores distintivos, a linguagem e a mão débil, estão relacionados. Parece estranho que a linguagem tenha sido concebida apenas para transportar informação.

Foi construída uma falha no organismo humano, uma falha ou fenda entre os dois hemisférios, por isso qualquer tentativa de síntese deve permanecer inexecutável em termos humanos. Tracei um paralelo entre esta falha que se-

para os dois lados do corpo humano e a fossa que separa Madagáscar do continente africano. Um dos lados da fossa derivou para uma inocência mágica intemporal. O outro deslocou-se inexoravelmente para a linguagem, o tempo, o uso de instrumentos, o uso de armas, a guerra, a exploração e a escravatura.

Dá a impressão de não ser possível fundir os dois e tem-se a tentação de dizer, como disse Brion Gysin: «*Passem uma borracha na palavra.*»

Mas talvez «passar a borracha» não seja a expressão certa. A fórmula é bastante simples: inverte-se o campo magnético de modo a que, em vez de juntas, as duas metades se repilam como magnetos opostos. Podia ser este o caminho para a libertação final, como que uma solução final para o problema da linguagem, de onde provêm todos os «problemas» humanos.

Como seria um mundo sem palavras? Como disse Korzybski: «Não sei. Vamos a ver.»

Nada é mais caro do que mudar de cores, de moldes e por isso é que os Conselhos e as Associações e os seus políticos, mafias, traficantes de droga, polícias, igrejas e meios de comunicação subsidiários não querem saber de um melhor produto humano, tal como a General Motors não quer saber dos motores de turbina. Significaria passar o resto da eternidade a raspar todos as cores existentes.

E é por isso que a discórdia é uma preocupação tão grande para o Conselho: se desviada da sua habitual expressão política, a discórdia *pode destruir o molde oco*. A discórdia política transforma-se muitas vezes naquilo a que se opõe. A América está a transformar-se numa Rússia estalinista, a

tornar-se um Estado completamente controlado, com zero de tolerância pela contestação a qualquer nível.

JÁ HOUVE um período de hibridação galopante que deu origem à variedade de espécies que hoje conhecemos. Podemos de facto observar uma série de criaturas de transição, como o jaguarundi, classificado como gato, mas que mais parece uma lontra arbórea. Mas a maioria dos híbridos não sobreviveu e os que sobreviveram ergueram defesas biológicas rígidas contra novas hibridações.

O que é que destruiu a maior parte dos híbridos, em especial os modelos realmente bizarros? Foram todos atacados e mortos por uma série de pestes virulentas. Para haver hibridação tem que ser primeiro suprimida a reacção imunológica. E isso deu à doença a sua deixa. A doença assustou os sobreviventes reduzindo-os a moldes biologicamente imutáveis.

O MUSEU DAS Espécies Perdidas não é exactamente um museu, uma vez que todas as espécies vivem em dioramas do seu habitat natural. A entrada é livre para quem quiser. O preço aqui é a capacidade de suportar a dor e a tristeza de observar a extinção e desse modo reanimar as espécies observando-as.

Consideremos algumas das espécies extintas; criaturas que comem erva ou carne com igual deleite, morcegos humanóides com asas luminosas, répteis de sangue quente capazes de afecto mamífero (uma bela cobra verde roça-me pela face), pássaros necrófilos de sangue frio, tartarugas e lagartos brincalhões, afectuosos como cachorrinhos, um híbrido do lémure e polvos



que vivem nos lagos e rios de Madagáscar, mudando de cor com todas as viragens e matizes de sentimento.

Ou consideremos o lémure humanóide albino, com enormes olhos redondos de um brilho nacarado de prata e grandes orelhas que tremem e vibram a cada som. Os olhos não têm pupilas, vêem como através de uma lente de grande angular. A criatura não deixa de ter defesas, estando equipada com fortes garras em agulha e caninos afiados. Como todos os albinos, são também extremamente delicados. Com um peso de cerca de vinte e cinco quilos na maturidade, habitam as árvores e são semi-aquáticos. Naturalmente, como albinos, não toleram a luz. Durante o dia escondem-se em cavernas ou em refúgios sob as margens dos rios.

Um homem planta que cresce de um sítio para outro ornado de orquídeas letais e gavinhas com espinhos; um homem enguia-eléctrica, um metro e oitenta de pele lisa, castanho arroxado, com olhos frios de lama verde acastanhados; ambos hermafroditas, fertilizam-se a si próprios e concebem... Uma consciência vegetal que se desloca pela floresta, tacteando o seu caminho por entre as árvores, as trepadeiras e as orquídeas e que parece uma alforreca verde a flutuar num ambiente verde... Uma criatura canina com uma cauda em trepadeira e espinhos por dentes... Aves inteligentes, de uma leve textura porosa, como esponjas... Têm grandes cérebros, olhos enormes, corpos muito pequenos e compridas garras retrácteis. Comem frutos e peixe que localizam a grande distância com a sua visão apurada. O seu aparelho digestivo não processa pêlo, por isso não caçam mamíferos ou outras aves.

O Povo Raízes, para dar outro exemplo, torneou a desvantagem de base da espécie vegetal: tiram o alimento de plantas e árvores e deslocam-se de uma para outra, com o cuidado de não exagerarem a permanência. Podem viver debaixo da terra como toupeiras com uma mão de fora ou espreitando com a cabeça para ver o tempo e outros factores. Se apanhados numa zona desértica, lançam para baixo longas raízes e sobem à superfície o bastante para colher energia solar antes de abrirem túneis para fora da região.

O Povo Verde encontrou maneira de se alimentar mediante fotossíntese, convergindo em calmos enredos e remoinhos. Alguns vão para a água, desenvolvem guelras e vivem das algas. Outros alimentam-se de odores, que respiram através de poros que podem abrir até ao tamanho de uma cabeça de fósforo. Outros comem luz e cor e por isso os seus corpos acabam por se desfazer em luz.

NÃO HÁ MANEIRA de sabermos quantas morreram das pestes. Na verdade, a fome, a vulnerabilidade, a violência e os velhos elementos de serviço, a pneumonia, o tétano, a disenteria, a cólera, a difteria, a febre tifóide, a escarlatina, a hepatite, a tuberculose, as doenças venéreas sem tratamento e infecções gerais cobram um preço tão alto como todas as Pestes Loucas, como lhes chamam.

Proliferam os senhores da guerra. Profetas que sobreviveram ao Mal de Cristo conquistam adeptos e declaram a Guerra Santa a outros profetas e à população por converter em geral — «Suas bestas de pouca fé» —

matando quem quer que se lhes atravessasse na frente. O canibalismo é galopante.

São propostas cruzadas contra os Infiéis, mas não vão por diante porque o mundo ocidental está dividido em milhares de facções, todas em mortífera oposição entre si. A despeito da paranóia pandémica, as armas atómicas não são usadas desde 1945: quem quer que disponha delas já morreu de tanto pensar em usá-las. Até um vento ruim pode soprar o bem.

Os investigadores da ciência viviam em recintos fortificados guardados pelo que restava de militares e polícias. Contudo, os cientistas deram consigo rodeados de fortes incentivos para produzirem.

— Bem, rapazes, temos ao todo catorze dias para aparecermos com um soro ou uma cura para o Pêlo, senão...

Quando o prazo se esgotou, soltaram no laboratório um gás letal. Todos os laboratórios eram separados e hermeticamente fechados. E foi assim. Uma lição salutar para os sobreviventes.

Fora das instalações, reinava o caos total enquanto as pestes imperavam impunes e há muito tinham sido abandonados os simulacros de lei e ordem. Todo o país estava pontuado por fortalezas para repelir bandos foragidos das cidades esfaimadas.

E que aconteceu ao Conselho? Retiraram-se para os seus iates, ilhas e *bunkers*. O seu poder, que dependia da manipulação através do dinheiro e dos contactos políticos, perdera-se.

Os Quatro Cavaleiros cavalgam por cidades arruinadas e desprezadas, quintas entregues às ervas daninhas. O vírus auto-extingue-se, as suas vítimas morrem aos milhões.

Gente em todo o mundo regressa finalmente às origens em espírito, de volta ao pequeno povo lémure das árvores e das folhas, dos rios, das rochas e do céu. Em breve todos os sinais, toda a memória das guerras e da Peste Louca se desvanecerão como vestígios de um sonho.



Depois

O PRIMEIRO NOME do libertário, Capitão Mission, perdeu-se para a história. Tudo o que sabemos de Mission vem no livro *História Geral dos Mais Notórios Piratas*, publicado em Londres em 1724 e escrito por um tal Capitão Charles Johnson (embora haja uma corrente de pensamento que atribui a obra a Defoe). As memórias de Mission, manuscritas em Francês, parece que foram salvas por um membro da tripulação que sobreviveu à última viagem de Mission e depois de passarem por diversas mãos foram traduzidas por Johnson e incluídas no seu livro.

Mission era oriundo de uma abastada família provençal e estudara humanidades, lógica e matemática na universidade de Angers, no fim do século XVII. O seu primeiro posto foi num navio de guerra francês, o *Victoire*,

armado com trinta canhões e comandado por um primo distante. O navio rumou primeiro a Nápoles e Mission viajou para Roma, onde conheceu um jovem padre chamado Caraccioli. Quando Mission se foi confessar, ficou surpreso por descobrir que o padre partilhava o seu desgosto pela hipocrisia dos poderes terrenos, temporais e espirituais. Caraccioli deitou fora a sotaina e engajou-se a bordo do *Victoire*.

A fragata defrontou e venceu dois barcos argelinos e Caraccioli foi ferido na coxa. Houve outros recontros bem sucedidos. O *Victoire* cruzou o Atlântico e ao largo das Caraíbas, na Martinica, foi atacado pelo inglês *Winchelsea*, comandado pelo capitão Opium Jones. A primeira bordada matou o capitão, o imediato e três tenentes do *Victoire*, após o que Mission passou a comandar os homens, com Caraccioli ao seu lado, e repeliram os ingleses. Mission foi nomeado capitão por toda a tripulação e como bandeira pirata hastearam uma fâmula branca com LIBERTÉ pintado.

Após muitas outras aventuras na costa ocidental africana, agora na companhia de um navio inglês e respectiva tripulação capturados, Mission ajudou a rainha de Johanna a fazer a guerra à vizinha Mohilla, ambas ilhas situadas entre Moçambique e a grande ilha vermelha, Madagáscar. Ele e os seus homens tomaram um navio português e decidiram estabelecer-se em Madagáscar a título permanente. Aí, por volta de 1700, numa baía remota no extremo norte da ilha, Mission construiu dois grandes fortes octogonais e, com o seu bando de várias centenas de piratas ingleses e franceses, marinheiros re-

negados e escravos libertos, fundou a colónia livre de Libertatia.

Juntamente com o seu tenente Caraccioli e o pirata-capitão convertido inglês Thomas Tew, Mission formulou um conjunto de Artigos com os quais o colonato vivia em pacífica democracia. Estes artigos baseavam-se em ideias notavelmente próximas das ideias por trás das revoluções Francesa e Americana do século XVIII, precedendo-as mais de sessenta anos. Não haveria pena capital, nem escravatura, nem prisão por dívidas, nem interferências com a religião e a sexualidade. Caraccioli dividiu os homens em grupos de dez, chamados estados, e foi criada a posição de lorde conservador, bem como uma assembleia plenária anual. A primeira assembleia durou dez dias. Tew foi promovido a almirante, Caraccioli nomeado ministro de Estado e Mission tornou-se Sua Excelência Suprema o Lorde Conservador.

Num cruzeiro a sul de Madagáscar, o Capitão Tew e alguns marinheiros ingleses que ele tinha recrutado ficaram até muito tarde a beber ponche de rum na última noite da sua viagem e a maré arrastou o nobre *Victoire* para o largo, onde se desfez nas rochas. A tripulação perdeu-se e Tew armou um simulacro de acampamento e esperou que viessem salvá-lo.

Enquanto o Capitão Tew aguardava na sua toca distante e solitária, dois enormes bandos de nativos malgaxes devastaram Libertatia pela calada da noite e varreram do mapa a colónia. Caraccioli morreu neste ataque e Mission escapou com apenas quarenta e cinco homens e duas chalupas. Acabou por descobrir o caminho para

a remota enseada do Capitão Tew e os dois homens decidiram retirar-se para a América, onde ambos eram desconhecidos. Numa grande tempestade ao largo do Cabo Infanta, a sua chalupa perdeu-se nas vagas¹³.

13. Hoje são os lêmures de Madagáscar que estão ameaçados de extinção. Quando os primeiros humanos chegaram à ilha, há quinhentos anos, havia umas quarenta espécies; agora restam apenas vinte e duas e todas consideradas em perigo. Em certas partes da ilha os nativos caçam os lêmures mais lentos pela sua carne, embora noutros pontos sejam protegidos por um tabu. A população humana aumenta rapidamente e poderá atingir os doze milhões no ano 2000; entretanto, a permanente deflorestação e a agricultura por lavra profunda e queimadas destruíram noventa por cento das florestas originais, o habitat natural dos lêmures. Prevê-se que os lêmures de Madagáscar terão desaparecido dentro de cem anos, o legado de cento e sessenta milhões de anos destruído no nosso tempo de vida.

Numa floresta de três mil hectares perto de Durham, na Carolina do Norte, o Centro de Primatas da Universidade Duke mantém uma colónia de mais de seiscentos prossímios, principalmente lêmures, alguns deles em recintos naturais semi-selvagens. Esta colónia iniciou-se em Yale em 1958 e mudou-se para Duke em 1968. Quando um lémure preto-e-branco deu à luz nesse ano deu-se o primeiro nascimento de um lémure em cativeiro em quarenta anos. Mais de trezentos lêmures nasceram no Centro de Primatas desde então. O Director, Elwyn L. Simons, estabeleceu boas relações com o governo malgache e foi autorizado a levar nove *sifakas* selvagens para o complexo de Duke, em 1987.

O Centro de Primatas da Universidade Duke precisa do apoio financeiro das pessoas interessadas. Escrevam para o Centro, DUPC, Duke University, Durham, Carolina do Norte 27706.



Colecção ESTÓRIAS

A GRANDE ARTIMANHA	O TESOURO DA SIERRA MADRE
Roald Dahl	B. Traven
O OBSERVADOR DE CARACÓIS	AS REGRAS DA ATRACÇÃO
Patricia Highsmith	Bret Easton Ellis
O VISCONDE CORTADO AO MEIO	SE ISTO É UM HOMEM
Italo Calvino	Primo Levi
UM PAÍS QUENTE	O PARADOXO DA AVE
Shiva Naipaul	MIGRATÓRIA
A COR PÚRPURA	Luis Goytisolo
Alice Walker	HOTEL DU LAC
O BARÃO TREPADOR	Anita Brookner
Italo Calvino	BELVER YIN
A GENTE DE JULY	Jesús Ferrero
Nadine Gordimer	QUERES FAZER O FAVOR DE
O CAVALEIRO INEXISTENTE	TE CALARES?
Italo Calvino	Raymond Carver
MENOS QUE ZERO	TRANSPARÊNCIAS
Bret Easton Ellis	Vladimir Nabokov
LOLITA	ESCRAVOS DE NOVA IORQUE
Vladimir Nabokov	Tama Janowitz
1280 ALMAS	AMADO MONSTRO
Jim Thompson	Javier Tomeo
DANÇA DE FAMÍLIA	ROCK SPRINGS
David Leavitt	Richard Ford
PALOMAR	O AMOR É UMA DROGA DURA
Italo Calvino	Cristina Peri Rossi
WILT	REGRESSO À TERRA NATAL
Tom Sharpe	William Kennedy
CATEDRAL	A EPOPEIA DE MR. SKULLION
Raymond Carver	Tom Sharpe
OLHEM PARA MIM	OS PAÇOS DE ULLOA
Anita Brookner	Emilia Pardo Bazán
DE QUE FALAMOS QUANDO	A ALTERNATIVA WILT
FALAMOS DE AMOR	Tom Sharpe
Raymond Carver	MERLIM
	Michel Rio

PRIMEIRO AMOR E OUTRAS MÁGOAS	O JORNALISTA DESPORTIVO
Harold Brodkey	Richard Ford
PEQUENOS CONTOS DA MISOGINIA	OS SÓTÃOS DE BRUMAL
Patricia Highsmith	Cristina Fernández Cubas
HISTÓRIAS NATURAIS	O TRIUNFO DO BASTARDO
Juan Perucho	Tom Sharpe
TIRANO BANDERAS	A LEITORA
Ramón del Valle-Inclán	Raymond Jean
VÍCIOS ANCESTRAIS	AS CIDADES INVISÍVEIS
Tom Sharpe	Italo Calvino
WILT NA MAIOR	RISO NA ESCURIDÃO
Tom Sharpe	Vladimir Nabokov
O SENHOR E O RESTO SÃO HISTÓRIAS	A GRANDE AVENTURA
Leopoldo Alas (Clarín)	Tom Sharpe
KATASTROÏKA	PASSA LÁ UM RIO
Alexandre Zinoviev	Norman Maclean
CRÓNICAS DE HOLLYWOOD	LENHADORES E CHULOS
F. Scott Fitzgerald	Norman Maclean
BALBÚRDIA NA CIDADE	TRISTANA
Tom Sharpe	Pérez Galdós
UM PEDAÇO DO MEU CORAÇÃO	A CONVERSA DE BOLZANO
Richard Ford	Sandor Marai
TRÊS ROSAS AMARELAS	COSMICÓMICAS
Raymond Carver	Italo Calvino
PASSO EM FALSO	BUSCA INTERMINÁVEL
Michel Rio	Tom Sharpe
HISTÓRIAS E CONTOS	A VIDA DESTE RAPAZ
Walter Benjamin	Tobias Wolff
ATENTADO AO PUDOR	TLACUILO
Tom Sharpe	Michel Rio
À MARGEM DE CASANOVA	HEROÍSMOS NÃO,
Miklós Szentkuthy	POR FAVOR
A VIAGEM DA VELHA	Raymond Carver
SUCATA	MARCOVALDO
F. Scott Fitzgerald	Italo Calvino
	O LIVRO DE MONELLE
	Marcel Schwob
	O SORRISO ETRUSCO
	José Luís Sampedro

BELOS CAVALOS
Cormac McCarthy
DEZOITO TENTATIVAS PARA
CHEGAR A SANTO
Jean Vautrin
UMA MANCHA NA PAISAGEM
Tom Sharpe
NOVAS COSMICÓMICAS
Italo Calvino
OS CONFIDENTES
Bret Easton Ellis
CALÚNIAS
Linda Lê
UMA RECORDAÇÃO
INDECENTE
Agustina Izquierdo
ÁGATA EM ISTAMBUL
Cristina Fernández Cubas
MEMÓRIA DO MUNDO
Italo Calvino
PÁSSAROS DE INVERNO
Jim Grimsley
LADRÃO DE VIOLETAS
Francisco Duarte Mangas
FARINELLI IL CASTRATO
Andrée Corbiau
FOGO PÁLIDO
Vladimir Nabokov
O CARTEIRO DE PABLO
NERUDA
Antonio Skármeta
HERANÇA COLONIAL
Tom Sharpe
TERRA DE FOGO
Francisco Coloane
DE NOITE CASA POR CASA
Vincenzo Consolo
O EMBLEMA LEONINO
Modesto Navarro

EMINÊNCIA
Javier Alfaya
MORRER EM LAS VEGAS
John O'Brien
A LINGUAGEM DAS FONTES
Gustavo Martín Garzo
NÃO FOI NADA
Antonio Skármeta
O PRINCÍPIO DA INCERTEZA
Mivhel Rio
NO EXÉRCITO DO FARAÓ
Tobias Wolff
VERMELHO DECANTADO
Jeroen Brouwers
ERVA AMARGA
Marga Minco
O NADA QUOTIDIANO
Zoé Valdés
UMA LIGAÇÃO PERIGOSA
Hella S. Haasse
BERTA, A GRANDE
Cuca Canals
JUNTO À GRAND CENTRAL
STATION SENTEI-ME E CHOREI
Elizabeth Smart
ALTA FIDELIDADE
Nick Hornby
O AUTO DAS MORALIDADES
Barry Unsworth
CABO HORNOS
Francisco Coloane
HISTÓRIA DO MUNDO EM
NOVE GUITARRAS
Erik Orsenna
AS CINZAS DE MARIA CALLAS
António Cabrita
GEOGRAFIA DO MEDO
Francisco Duarte Mangas

W i l l i a m S. b u r r o u g h s

A ação deste inesperado romance de Burroughs, recentemente desaparecido, desenrola-se em Madagascar, ilha em que o capitão Mission, ex-mosqueteiro e pirata, fundou uma efêmera república de tipo socialista conhecida por Libertália, onde os lémures são animais sagrados, pois, tendo recusado a linguagem, optaram pela inocência. Esse mundo utópico e idílico tinha que ser inexoravelmente destruído, como nos relata esta *collage* de tom apocalíptico, em que o olhar de Burroughs opera sobre o mundo, sob a forma de imagens de grande beleza que se entrecruzam com os seus pensamentos e advertências, num texto que é também uma parábola sobre a destruição do meio ambiente pelo homem.

Este romance é um dos últimos títulos daquele que foi a figura tutelar da Beat Generation e que Norman Mailer considerou, um dia, "o único escritor americano possuído pelo génio".



estórias
editorial teorema